



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA- UFDPAr
CAMPUS MINISTRO REIS VELLOSO- CMRV
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

VIRNA COSTA RIBEIRO

**EM BUSCA DO MUNDO BI: CARTOGRAFANDO A EXISTÊNCIA DE
MULHERES BISEXUAIS**

PARNAÍBA-PI

2023

VIRNA COSTA RIBEIRO

EM BUSCA DO MUNDO BI: CARTOGRAFANDO A EXISTÊNCIA DE
MULHERES BISSEXUAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Delta do Parnaíba- UFDPAr, *Campus* Ministro Reis Velloso, como requisito para obtenção do grau de Formação de Psicólogo.

Professor Orientador: Dr. Guilherme Augusto Souza Prado

PARNAÍBA- PI

2023

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Delta do Parnaíba
Biblioteca Central Prof. Cândido Athayde
Serviço de Processamento Técnico

R484b Ribeiro, Virna Costa

Em busca do mundo BI: cartografando a existência de mulheres bissexuais [recurso eletrônico] Virna Costa Ribeiro. – 2023.

1 Arquivo em PDF.

TCC (Bacharelado em Psicologia) – Universidade Federal do Delta do Parnaíba, 2023.

Orientação: Prof. Dr. Guilherme Augusto Souza Prado

1. Sexualidade. 2. Bissexualidade. Mulheres. 3. Identidade Bissexual.
4. Conflitos da Monodissidência. 4. Processo de Subjetivação. I.
Título.

CDD: 306.7

RESUMO

A bissexualidade se caracteriza como sexualidade monodissidente por não estar alinhada com a estrutura hegemônica monossexista e a heterossexualidade compulsória. Diante da bifobia e suas manifestações, essa pesquisa surge com a proposta de investigar processos de subjetivação de mulheres bissexuais, analisando como elas experienciam sua identidade bissexual e os conflitos da monodissidência, a partir da lente ampliada da interseccionalidade e dos preceitos da cartografia como método de pesquisa-intervenção. Foram realizados três encontros presenciais com um grupo de seis mulheres bissexuais, os dados da pesquisa foram analisados de acordo com as concepções do feminismo pós-estruturalista, tomando a concepção da identidade bissexual enquanto potência subversiva das heteronormatividades. Por fim, reafirmamos a importância de trabalhos como esse, para que haja o reconhecimento das experiências individuais e coletivas dissidentes do sistema sexo-gênero.

Palavras-chave: Mulheres; Bissexualidade; Monodissidência.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	4
2. METODOLOGIA.....	9
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	11
3.1 NOMEAR-SE.....	11
3.2 EXPERIÊNCIAS BISEXUAIS FRENTE À HETERONORMATIVIDADE DAS INSTITUIÇÕES	14
3.3 BIFOBIA	16
4. CONCLUSÃO.....	19
REFERÊNCIAS.....	20

1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos o conceito de bissexualidade passou por algumas reformulações. Discutiremos esse percurso e como ele se apresenta atualmente, a partir da cartografia como modelo de pesquisa-intervenção e vivenciando encontros coletivos com mulheres bissexuais.

Segundo Lewis (2012, p. 25) há três principais formulações de definição e compreensão da bissexualidade, que vão, “de uma combinação de anatomia masculina e feminina, a uma suposta combinação psíquica de masculinidade e feminilidade, e a uma suposta combinação de heterossexualidade e homossexualidade”.

A primeira das formulações, posta às pessoas que atualmente são chamadas de intersexuais, refere-se do século XVII ao início do século XX e teve destaque nos discursos médicos, jurídicos e teológicos. A segunda, utilizada no campo da psicanálise, desenvolvida por Freud, ao final do século XIX e no século XX. E a terceira se organiza desde os anos 1970, após as campanhas de retirada da homossexualidade enquanto patologia do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, o DSM (LEWIS, 2012).

Nos dias atuais, a bissexualidade remete a uma identidade composta pela atração de uma pessoa por dois ou mais gêneros, podendo um deles ser o mesmo que o seu, ou não. Com isso, a bissexualidade se caracteriza por ser uma sexualidade monodissidente, visto que o prefixo mono se associa a atrações por apenas um gênero, e dissidente à discordância para com as implicações de gênero e sexualidade impostas pela heteronormatividade.

Se caracterizando enquanto sexualidade monodissidente, o termo criado pela militância bissexual brasileira busca abrigar as identidades que se relacionam e se atraem por mais de um gênero, onde “o conceito de ‘dissidência’ ao invés de diferença (como em ‘não-monossexual’, que alguns usam), evidencia a ideia de bissexualidade como uma resistência politizada às estruturas vigentes da sexualidade” (SILVEIRA, 2018, p.28), e afirma um modelo político bissexual, construído pela participação de bissexuais em espaços de reivindicação de direitos.

Quanto a esse modelo político bissexual, se destaca a importância de levantar a bandeira, falar que é bissexual, pois, para além de validar a categoria,

pode ser empoderador, bem como um importante passo para a formação da comunidade bissexual além de reforçar a própria identidade bissexual. As feministas há muito perceberam o poder de se nomear e da experiência pessoal. A nomeação combate a invisibilidade e frequentemente fornece rótulos e linguagem, para articular experiências de uma nova maneira. Nomear consolida a identidade de grupo, porque permite que outros encontrem pessoas “iguais a eles” (MCLAREN, 2016, p. 179-180).

Assim, mulheres bissexuais ao decidirem nomear e viver sua sexualidade de fato “subvertem a ordem social patriarcal reprodutora causando incômodo aos indivíduos

dominantes e, por isso, sendo alvo de preconceito, fetichização e opressão” (JANUÁRIO & OLIVEIRA, 2021, p.7). O que nos indica que dentro da própria bissexualidade há ainda uma diferenciação, visto que são atribuídos papéis sociais diferentes a cada gênero e, portanto, a bissexualidade, além de ser atravessada pelas subjetividades de cada um, intersecciona e está à mercê das crenças e desigualdades sociais e de gênero.

McLaren (2016) afirma que alguns movimentos bissexuais se fortaleceram a partir da década de 1970, em torno da terceira formulação da definição e compreensão da experiência bissexual. Trazendo, a priori, a bissexualidade como uma terceira categoria de sexualidade, distinta da heterossexualidade e da homossexualidade. Concomitante, é identificado o paradoxo bissexual, caracterizado pela representação por hora superior das maneiras de se relacionar e outrora como essa identidade colocada à margem, desconsiderada enquanto forma legítima de vivenciar a sexualidade, pois não contempla a hegemonia monossexual.

A partir disso, identifica-se que a construção da experiência bissexual perpassa esse modelo heteronormativo vigente que enquadra “todas as relações, mesmo as relações entre pessoas do mesmo sexo, em um binarismo de gênero que pretende organizar as práticas, os atos e desejos, com base no modelo do casal heterossexual reprodutivo” (SOUZA & PEREIRA, 2013, p. 86). Ademais,

a naturalização do heterossexual reifica a ideia de que qualquer comportamento que fuja do padrão heterossexual acaba provocando uma problematização sobre o próprio modelo, devendo ser coibido, pois põe em risco a harmonia dos papéis sociais definidos em função de gênero e, conseqüentemente, coloca em perigo toda sociedade. Sendo assim, qualquer questionamento que coloque em dúvida o caráter “natural” e “normal” da heterossexualidade será tratado como uma questão de minorias e colocado à margem social (SOUZA & PEREIRA, 2013, p. 81-82).

Ou seja, a heteronormatividade como “aquilo que é tomado como parâmetro de normalidade em relação à sexualidade, para designar como norma e como normal a atração e/ou o comportamento sexual entre indivíduos de sexos diferentes” (PETRY & MEYER, 2011, p. 196) constitui uma sociedade estabelecida a partir de binarismos e constrói uma vivência atravessada por mecanismos de normalização que incidem sobre gênero, sexualidade e que se distanciam do respeito à multiplicidade das maneiras de ser.

Outrossim, as imposições socioculturais da heteronormatividade recaem sobre as identidades e, devido seu caráter de subversão a partir de um corpo, intersecciona sexualidades, performances de gênero, racialidades, classe, e nas diferentes formas de amar e se relacionar com o outro. Corpo esse que, segundo McLaren (2016, p. 150) “é central para o pensamento sobre subjetividade, para o entendimento dos efeitos das normas sociais e culturais e para o desenvolvimento da resistência a práticas normativas”.

Diante disso, a bissexualidade questiona a natureza dos estereótipos “bissexuais como promíscuos, bissexuais como em cima do muro, bissexuais como confusos” e alguns específicos advindos da comunidade LGBT (naturalizados como gaydar – radar de identificação de sexualidades) de que bissexuais “não são confiáveis, não são gays de verdade, são gays com medo de se assumirem e vão recuar aos privilégios heterossexuais quando as coisas ficarem difíceis” (MCLAREN, 2016, p. 185).

E reconhece que tais estereótipos são gerados no processo de apagamento da identidade bissexual que foge às normas do binarismo de gênero. Frente a isso, a fim de contrapor a validação social dada somente a partir do desejo constante por dois ou mais gêneros, bissexuais assumem relações monogâmicas. Porém, recaem sobre outra lógica binária, a monogâmica, gerando, de todas as formas, o apagamento da bissexualidade, visto que não reconhece seu caráter monodissidente (LEWIS, 2017).

No que diz respeito à monogamia, diante das discussões sobre heteronormatividade, se reitera que os princípios desse modelo relacional, quando colocado como o único legítimo, constitui a mononormatividade e se torna excludente. Pois:

a junção dos radicais “mono”, “hétero” e “homo” ao substantivo “normatividade”, ou seja, à qualidade ou condição do que é normativo, traz ínsita a ideia de regulação de condutas e procedimentos, de preceito a ser respeitado, regra, consenso ou padrão estabelecido em torno de situações, fatos ou atos sociais e conduz, por conseguinte, à percepção de que tudo o que está conforme a norma é normal e aceitável, sendo o que lhe está disforme marginalizado ou discriminado (PORTO, 2018, p. 657).

Santos, et. al (2018), argumentam que devido a essas características, os bissexuais sofrem preconceitos por pessoas que se atraem por apenas um gênero, sendo constantemente invisibilizados, hiper-sexualizados e/ou colocados como pessoas em fase de transição de uma sexualidade para outra. Potencializando a construção de subjetividades forçadas a resistir e arquitetar novas práticas de experienciação da sua realidade. Pois, para essas pessoas:

a única violência que bissexuais podem eventualmente sofrer é aquela que se poderia chamar lesbofobia ou homofobia, ou seja, violências que incidem sobre pessoas monossexuais, apagando assim a existência bissexual através do não reconhecimento da especificidade da violência sofrida (JAEGER, et. al, 2019, p. 9).

Com relação às resistências frente as diretrizes heterossexuais, identifica-se a sua base nas reivindicações de poder. Elas podem ser contradisciplinares e desafiam o poder normalizador, produzindo transformações nos corpos individuais e no corpo social. Nos atentamos a esse corpo individual enquanto requisito para ações políticas coletivas que reforçam a importância do mesmo. Ações que podem estar no âmbito macropolítico da luta coletiva ou na micropolítica da resistência individual, pois são os corpos individuais que resistem (MCLAREN, 2016). Afinal,

o que, além de corpos, pode resistir? É meu corpo que marcha em protestos, meu corpo que vai às eleições, meu corpo que frequenta reuniões, meu corpo que boicota, meu corpo que faz greve, meu corpo que participa em operações tartaruga, meu corpo que se lança em desobediência civil (MCLAREN, 2016, P. 152-153).

À vista dessas construções, o presente trabalho se propõe a investigar como a bissexualidade é compreendida, legitimada, experienciada e exercida pelas mulheres que se identificam como bissexuais, tentando compreender como se dá essa resistência e o confronto com a heteronormatividade, enquanto regime político que organiza nossas vidas, no âmbito da produção de subjetivação e no campo das relações intersubjetivas.

O estudo visa também, analisar como os atravessamentos interseccionais da performance de gênero incidem sobre o exercício da bissexualidade e como suas relações são afetadas por isso. Partindo da ideia de que a interseccionalidade amplia o olhar para com a diversidade das discussões de gênero e sexualidade, e com o intuito de dar “instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (AKOTIRENE, 2019, p. 16), tal como sexismo e bifobia, que se constroem juntamente com a discussão abordada.

Buscamos também nos aproximar dos conflitos monodissidentes da bissexualidade, atravessados pelo pulo para fora das normas, sejam eles nas relações ou no próprio processo de constituição da identidade, a fim de questionar e identificar a existência de espaços seguros de ser e estar.

Ademais, entende-se a psicologia enquanto área de pesquisa e cuidado que tem compromisso ético e político com as discussões, produções e práticas acerca das diversidades identitárias e sexuais (CFP, 2019). Enquanto ciência e profissão que almeja, de fato, contemplar as diversas experiências da sexualidade e subjetivação, a psicologia deve se comprometer com serviços que respeitem as subjetividades e seus modos de ser e estar no mundo (CFP, 2022). Dito isso, a categoria mulheres bissexuais coloca em cena uma série de reflexões e afetações no que diz respeito a gênero, papéis sociais, sexualidade, heteronormatividade, monogamia, desigualdades, entre outros, que tencionam e podem vir a contribuir com uma prática psicológica mais inclusiva e respeitosa.

Em razão dessas discussões, se pensa “que se o enquadramento das experiências e vidas das pessoas bi é realizado a partir de uma lente monossexual, o sofrimento dessas pessoas não chega a ser reconhecido” (JAEGER, et. al, 2019, p.9), ou seja, a bifobia não é reconhecida, fazendo com que elas corram o risco de serem duplamente estigmatizadas, visto que se estabelecem enquanto grupo minoritário - contrapondo a ideia de que há um mundo bi onde

estão inseridos todos aqueles que não se identificam como heterossexuais e homossexuais (MCLAREM, 2016).

Logo, diante da necessidade política de construir reivindicações coletivas, se faz necessário identificar e/ou criar espaços de produção de subjetividades outras. De acolhimento e de fortalecimento dos modos de subjetivação LGBTQIA+. Assim, este trabalho se faz relevante visto que, parafraseando Jaeger, et. al (2019), para assegurar o reconhecimento e a legitimação dessa expressão da sexualidade, é preciso que se fale dela sempre ou quase sempre desde um olhar de respeito, cuidado e valorização. E se atentando aos desafios de ser tratado enquanto um grupo separado.

Por fim, a construção de uma narrativa bissexual realizada a partir de pessoas bissexuais, incluindo a pesquisadora,

é fundamental na metodologia dessa pesquisa e espera-se ser alcançada por meio das entrevistas. Desta maneira, visto que o “tipo discursivo de palavras, definições e categorias não pode ser separado de outras formas de poder institucional” (MCLAREN, 2016, p. 187), buscase dar voz e contrapor o apagamento das identidades, assim como contribuir para a construção de um mundo bi que não seja formulado por quem não é hetero ou homossexual.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa se caracteriza como pesquisa qualitativa e trabalha a partir dos preceitos da cartografia como método de pesquisa-intervenção, em que, de acordo com Passos e Barros (2009), o pesquisador vai construindo seus passos estando no próprio campo, sem saber de antemão o que lhe aguarda.

O trabalho, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o CAAE 66868922.4.0000.0192, foi realizado em três encontros presenciais e contou com a participação de 6 mulheres, das quais todas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os encontros tiveram uma duração média de 1h30min e foram realizados na sala do Núcleo Transdisciplinar de Estudos e Pesquisa em Saúde e Subjetividade da UFDPAr (NuTEPSS).

De início os pesquisadores se utilizaram de suas redes sociais para divulgar a pesquisa juntamente com um formulário que foi respondido em caso de interesse, a fim de obter participantes dentro dos critérios propostos (maior de 18 anos, bissexual, disponível para entrevistas presenciais e que se apresenta enquanto bissexual nas suas relações). Em seguida, os pesquisadores entraram em contato reforçando a proposta da pesquisa, informando as datas e horários e confirmando o interesse das mesmas, e as colocando em um grupo de WhatsApp, a fim de ter um meio de comunicação coletivo.

Os encontros tiveram perguntas e atividades elaboradas previamente, porém, foi realizado de maneira que as participantes pudessem elaborar falas para além do proposto inicialmente. Tendo sido realizado a priori, um encontro introdutório, buscando conhecer as participantes e as suas noções de sexualidade e bissexualidade. Posteriormente, foi desenvolvida uma atividade denominada Tenda do Conto, onde cada participante foi convidado a levar um objeto que remetesse a algum momento de sua vida onde a sua sexualidade foi reconhecida. E por fim, em conjunto, todas escolheram um tópico que mais a atravessou nos dois primeiros encontros para ser aprofundado no último momento. A seguir, o Quadro 1 mostra as datas dos encontros e as atividades realizadas com as participantes presentes.

Quadro 1 - Data e atividades realizadas.

	Data	Atividade	Mulheres Presentes
Primeiro encontro	06/03/2023	Entrevista Coletiva.	5 participantes
Segundo encontro	13/032023	Tenda do conto.	5 participantes
Terceiro encontro	20/03/2023	Roda de conversa - Bifobia	6 participantes

Fonte: Autoria própria, 2023.

Diante da metodologia aplicada, realiza-se a análise dos dados da presente pesquisa, tomando a concepção da cartografia enquanto modelo de intervenção movido por problemas e que gera, a partir de seus resultados, outros problemas (BARROS; BARROS, 2013), cultivando a afetação e inquietação diante do conteúdo exposto. Considerando também as implicações e afetações dos encontros na pesquisadora, além de avaliar como se dá o itinerário de pesquisa no início do processo, com a formulação das hipóteses, até os desafios e aprendizados e como a pesquisa se apresenta ao final do percurso - quais problematizações surgiram.

Nesse modelo de pesquisa-intervenção, os dados obtidos e conhecimentos gerados abrangem tanto o campo da objetividade quanto da subjetividade (BARROS; BARROS, 2013), permitindo questionar os pontos de vistas acerca das questões levantadas nas entrevistas e os desafios dos processos de subjetivação experienciados e a identificação das afetações no decorrer da pesquisa.

A análise parte também das implicações da bissexualidade, enquanto identidade dissidente do sistema sexo-gênero, nas práticas psicológicas. Posto que, no percurso da própria psicologia, práticas de reversão das orientações sexuais e identidades se fizeram presentes, e mesmo que essas atuações tenham se mostrado, para além de violentas, sem embasamento teórico psicológico e tenham deixado de se enquadrar como parte desse exercício profissional de atenção à saúde mental, repercutem nos modos de subjetividade existentes e nas suas relações de cuidado e devem ser consideradas (BICALHO, 2022).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos três encontros realizados com as mulheres a sexualidade emerge como questão social e política, construída ao longo da vida, envolvendo processos plurais profundamente culturais (LOURO, 2000). Dentre os discursos houve a repetição de experiências, que apesar de se fazerem únicas em cada corpo, advém de uma construção coletiva de saberes e performances identitárias frente à vivência de um segmento populacional específico. Sendo assim, dividimos os resultados e discussões em eixos que agrupam as repetições numa linha de raciocínio - dentro para fora -, onde dentro refere-se a processos singulares relativos a cada sujeito, e fora aos atravessamentos sociais. Entretanto,

“dentro e fora não são meros espaços, separados por uma pele compacta que delinea um perfil de uma vez por todas. Percebemos que eles são indissociáveis e, paradoxalmente, inconciliáveis: o dentro detém o fora e o fora desmancha o dentro” (ROLNIK, 1997, p. 26).

Ou seja, partimos dos processos de identificação da sexualidade e da identidade bissexual dessas mulheres para posteriormente ensejarmos uma discussão sobre como as instituições, as crenças e valorações sociais atravessam tais processos e geram violências como a hiperssexualização, a deslegitimação, e o discurso da promiscuidade e da tendência à infidelidade. Porém, vale reforçar que essas etapas se constroem juntas, sofrendo interferência umas nas outras.

3.1 NOMEAR-SE

Louro (2000, p. 6), aponta a sexualidade como “uma invenção social, uma vez que se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem ‘verdades’”. Diante desse cenário, a pesquisa evidencia a dificuldade de validar os processos de reconhecimento da bissexualidade - uma sexualidade monodissidente e identidade sexual que foge à heteronormatividade compulsória. Como podemos observar em algumas falas:

"Tomar de posse daquilo, do que você é, comigo aconteceu muito tardiamente, não sei exatamente por que, se era por que eu não queria, não tava sabendo ou por que eu tava com medo." (Participante A, 23 anos).

"Eu demorei pra me assumir bissexual, por que na minha cabeça eu tinha que ter alguma coisa com uma mulher primeiro, então enquanto eu não tivesse, eu era 'bi festinha'." (Participante B, 22 anos).

"As minhas primeiras experiências sexuais foram com mulheres, mas pra mim eu só tava naquela de descobrir o outro, não sabia o que é que tava acontecendo, mas ao

mesmo tempo era interessante. Eu não parava pra pensar que gostava mesmo de mulher, só me colocava nessa de pegação, só desejo carnal.” (Participante C, 24 anos).

Assumir a identidade bissexual requer um reconhecimento e entendimento de si mesma que não nos é ensinado, pois às mulheres cabem as funções de mães, esposas e cuidadoras.

“Imagens, filmes, fotos de revista, cartazes publicitários nos muros das cidades com conteúdo pornográfico constituem um discurso, e esse discurso cobre nosso mundo com seus signos, e esse discurso tem um fundamento: ele significa que as mulheres são dominadas.” (WITTIG, 1980, p. 60).

Em termos de dominação Wittig (1980) exemplifica, por meio da pornografia, uma estratégia de violência, exercida por quem tem o poder, a fim de lembrar qual o lugar da mulher e sua performance ideal. E aqui observamos a estratégia se repetir, crescemos aprendendo, replicando e reproduzindo a maneira certa de performar gênero e sexualidade, e ao resistirmos a essa performance, nos questionamos como experienciar a bissexualidade, como exercer uma identidade que foge aos padrões binários em que nós nos construímos.

“Eu usava só calça, bem roqueira, só me chamavam de sapatão. E isso atrapalhou muito na hora de me assumir. Por que eu teria que mudar? Eu seria menos mulher se fizesse isso? Ser bi vai muito além das pessoas com que você se relaciona, das roupas que você veste. Mas essas chacotas afastam a gente da gente mesmo, porque se é chacota gostar de mulher eu não vou querer, eu vou preferir parecer hetero.” (Participante A, 23 anos).

“Eu não tenho que provar nada pra ninguém. É você, é o que você quer, se hoje eu quiser raspar a minha cabeça, tanto faz, eu vou continuar sendo bi. Isso é uma questão social muito forte, da gente querer muito provar pro outro o que que a gente é, em vez da gente tentar se entender primeiro.” (Participante D, 25 anos).

Observamos a partir da busca por experimentação da identidade bissexual das participantes o conflito “assumir-se bi ou não se assumir?”, visto que tornar pública sua sexualidade é se dispor a enfrentar e resistir a bifobia, com o adendo de que até mesmo a violência não será reconhecida, sendo realocada como lesbofobia ou LGBTfobia.

Assumir a própria sexualidade traz à tona a angústia de questionar a construção de sua identidade para além das pessoas com quem se relacionam, por exemplo, o que vestir, qual postura manter. Pois ao tornar pública sua orientação sexual, atribuímos peso ao olhar do outro, não mais só as suas ações, crenças e valores, pois nos afeta sermos vistas enquanto mulheres bissexuais.

Relatos de bissexuais que contribuíram com a pesquisa fora dos encontros, na informalidade, descrevem momentos em que podemos visualizar essa angústia e a transformação que ela gera. Momentos em que a saída do armário (enquanto figura metafórica da não publicização da sexualidade) representava exatamente isso, todo um guarda-roupa perdido em busca de uma vestimenta que performe a bissexualidade da maneira que melhor fosse aceita no seu ciclo social.

Já na epistemologia do armário, Sedgwick (2007) aponta que independentemente da escolha pela publicização ou não da identidade de gênero e sexual, há sempre espaços e momentos em que os dissidentes do sistema sexo-gênero são recolocados no armário. Seja em espaços laborais, em ambientes fora da rotina, ou nas situações em que o armário é o outro de fora da relação, pois a experiencição da sexualidade do sujeito é resguardada apenas a ele e a quem com ele se relaciona.

“Pra minha família, se eu não assumir nenhum relacionamento sério com uma mulher, eu sou hetero, e isso me incomoda.” (Participante C, 24 anos).

Segundo Souza (2021), pessoas bissexuais, por não terem uma premissa binária de atração, não têm uma existência compreensível diante das diretrizes hetero e mononormativas e são as pessoas que mais demoram a sair do armário, em muitos casos pela falta de repertórios sociais. Ou seja, “sexualidades monodissidentes não são consideradas possíveis de serem nomeadas ou entendidas, ademais, simplesmente não é dito que é possível ser bissexual” (p. 49).

“Facilitou a minha vida ter outras pessoas LGBTs na minha família. Um irmão bissexual, uma irmã lésbica. Pessoas que levaram a pauta antes de mim, aí hoje em dia é mais naturalizado.” (Participante B, 22 anos).

Daí a importância do nomear-se, “a nomeação combate a invisibilidade e frequentemente fornece rótulos e linguagem, para articular experiências de uma nova maneira. Nomear consolida a identidade de grupo, porque permite que outros encontrem pessoas ‘iguais a eles’” (MCLAREN, 2016, p. 180).

No início do segundo encontro, foi questionado às participantes se algo do nosso primeiro momento repercutiu nelas e na vida delas no decorrer da semana. E ficou evidente como a demanda de reconhecimento das mulheres bissexuais se faz necessária nas lutas contra a bifobia, pois possibilita espaços de discussão que denunciem e promovam laços afetivos que fortalecem os percursos singulares de reconstituição subjetiva (FONTANA, 2017).

“Fiz algumas relações com meu relacionamento atual, por que hoje a pessoa com quem eu me relaciono valida muito a minha sexualidade e é muito tranquilo de conversar sobre e de ser quem eu sou de verdade. Sinto que eu não preciso me invalidar nem enquanto mulher e nem enquanto bissexual também, e eu nunca tinha tido isso em outras relações. Eu acho que isso vem muito por que hoje eu me reconheço, eu não abro mais mão de mim, em qualquer relação que eu tiver, seja com homem ou com mulher, não-binário. Eu pretendo nunca mais me desvalidar como eu desvalidava antes em outras relações, seja para me encaixar ou pra ir de acordo com as expectativas da outra pessoa, eu notei essa diferença em mim”. (Participante C, 24 anos).

“Uma sensação de empoderamento, eu passei uma tarde conversando com o pessoal sobre uma coisa que eu sou e eu nunca fiz isso antes, é isso aí, é nós”. (Participante A, 23 anos).

Ademais, o reconhecimento, a resistência e a nomeação combatem as existências hegemônicas e nos permitem construir mobilizações que almejam a liberdade e afetam instituições. Liberdade para que não haja bordas para a experiencição das sexualidades dissidentes, para que hajam bis festinha, bis com preferências, bis indecisos, bis promíscuos, para que as identidades não sejam violentadas e seus processos deslegitimados. E para que, algum dia, os espaços de produção de subjetividade ampliem as sensações de empoderamento e questionem a heteronormatividade.

3.2 EXPERIÊNCIAS BISSEXUAIS FRENTE À HETERONORMATIVIDADE DAS INSTITUIÇÕES

Nascemos alocados em algumas instituições, e no decorrer da vida somos introduzidos a outras – como linguagem, educação, justiça, mídia, religião. Baremlitt (1996, p. 25) as define como “árvores de composições lógicas que, segundo a forma e o grau de formalização que adotem, podem ser leis, podem ser normas e, quando não estão enunciadas de maneira manifesta, podem ser hábitos ou regularidades de comportamentos”. Neste tópico discutiremos como instituições tais como família, escola e religião, assim como os coletivos monodissidentes e a comunidade LGBTQIA+ se interpenetram com as experiências bissexuais pesquisadas.

É importante salientar que, relacionados às instituições família e escola, ao longo dos encontros, com um vínculo estabelecido, foram surgindo mais relatos de situações desconfortáveis e violentas.

“Onde eu estudava era todo mundo muito padrão, tanto com relação a cor e raça, quanto à sexualidade, então eu sempre me sentia deslocada.” (Participante C, 24 anos).

“Eu tentei me assumir uma vez, mas meu pai me ameaçou de morte e eu voltei atrás, falei que tinha sido um mal entendido.” (Participante D, 25 anos).

“Uma amiga foi retirada da escola renomada onde ela estudava, em outra cidade, porque a mãe dela descobriu um romance com uma garota. Ela tinha um futuro garantido na carreira que ela queria e hoje está lá, presa em casa numa cidade pequena.” (Participante E, 19 anos).

Discursos como esses se repetiram algumas vezes, relatos de cenários em que ser publicamente bissexual não é uma opção viável por uma variedade de motivos, ou onde o armário é o lugar mais seguro. Progressivamente, com o vínculo estabelecido com o grupo, as participantes foram nomeando as violências, relatando casos mais agressivos, o que só foi possível no espaço seguro que construímos juntas na presente pesquisa.

No decorrer dos relatos a aceitação ou rejeição da família teve um peso significativo, e de fato são fatores relevantes na experiência da sexualidade, potencializados pela dependência financeira, visto que todas as participantes são universitárias sustentadas pelos responsáveis

A pesquisa realizada por Oliveira, et. al (2012), mostrou que os homossexuais, as lésbicas e bissexuais que recebem reações negativas às fugas da heteronormatividade e/ou ao sair do armário para os pais, experienciaram também sensações de rejeição parental durante a infância. Ou seja, essas pessoas possivelmente tiveram suas identidades violentadas por meio da não validação da sua maneira de vivenciar sua sexualidade desde a infância.

No que concerne à religião, emergiram dois pontos: as exigências e padrões impostos, não somente aos adeptos, pelas crenças e a ‘cura bi’ aos que aderiram a religião.

“Uma amiga, atualmente evangélica, me contava antes de eu me assumir sobre um romance muito intenso, de poucos meses, que a deixou com vontade de revirar a vida, mudar de cidade, transferir o mestrado, mas sempre dizia que era com um rapaz. Depois que me assumi fui desabafar com ela sobre um relacionamento que me afetou muito e ela me confessou que a pessoa da história era uma mulher. Fiquei incrédula, mas perguntei então se ela não bissexual, porém, ela falou que não se vê fazendo mais isso, agora é heterossexual, está casada com um homem cisgênero pastor.” (Participante B, 22 anos).

O discurso de ex-bissexuais que, deixaram as práticas dissidentes no passado, surgem com um caráter explicativo da representatividade social promíscua da bissexualidade, em que estar em uma relação monogâmica com um homem cisgênero, performando as condutas religiosas, lhe torna heterossexual.

Estas instituições representam os primeiros locais de socialização e de descoberta da sexualidade, e ter uma parte significativa sua sendo negligenciada reflete na socialização, na valorização do eu e na busca por melhores condições de existência.

Diante dessas questões, emergiu na pesquisa o receio em compor coletivos, espaços de militância e fortalecimento das monodissidências, pois era um local de replicação desses comportamentos, entre outras inquietações.

“Eu não me empolgo de voltar a participar dos coletivos, porque eu ouvia muita coisa que não me representava. Teve uma roda de conversa sobre relação sexual entre mulheres e muita coisa era só sobre padrões, coisas que não precisam necessariamente ser assim. Em um dado momento a pessoa foi explicar sobre sexo ou algo relacionado e falou do tamanho das unhas, se direcionou pra uma pessoa e falou "você não transa com mulheres porque você tem a unha grande". E isso me incomodou muito. Acho que esses coletivos mais excluem do que incluem. Eu me senti mais retraída ainda porque eu tinha unhas grande, e demorei mais ainda pra me identificar enquanto bissexual.” (Participante A, 23 anos).

“Às vezes eu estou numa roda de mulheres lésbicas e alguém diz "ah, aqui só tem lésbica", só porque atualmente eu estou namorando uma mulher.” (Participante B, 22 anos).

Enquanto a militância monodissidente não avançar até os coletivos LGBTQIA+, está prejudicada a abertura ao diálogo de maneira plena e irrestrita e a construção de espaços comuns a serem usufruídos e de combate a bifobia.

“Acho que taí a importância dessa pesquisa, é uma forma de começar. Precisamos ter acolhimento, suporte e fortalecer o B, pra que a gente se sintam forte o suficiente pra ir lá.” (Participante B, 22 anos)

Entretanto, surge o desafio de ampliar o debate acerca da bissexualidade dentro da comunidade LGBTQIA+, pois não há, para as mulheres bissexuais, o sentimento de pertencimento. Visto que, a estratégia de gays e lésbicas é se utilizar da régua monossexista da heterossexualidade para identificar a homossexualidade como uma identidade tão confiável quanto a heterossexualidade (Souza, 2021).

Por certo que a bissexualidade é considerada existente, porém, é afetada, tal como mencionado acima, pelo não pertencimento e a métrica monossexista ao ser interpretada como composta por uma metade heterossexual e outra homossexual. Ao não ser considerada como um todo, gera lacunas nos conhecimentos de um dos maiores grupos da comunidade LGBTQIA+ (Souza, 2021).

Souza (2021), discorre ainda sobre como mulheres bissexuais têm mais riscos de serem violentadas física e sexualmente, porém, ainda assim, recebem menos financiamento que coletivos LGBTs, que negligenciam o B, para o desenvolvimento de pesquisas que visam conhecer melhor a situação, pois a hegemonia dos grupos monossexuais é ativa no apagamento da bissexualidade.

Ademais, contribuindo com a invisibilização, ainda é comum acreditarem na passabilidade - ser lida sob uma norma hegemônica que, contudo, não corresponde à sua orientação sexual- heterossexual das mulheres bissexuais, atribuindo a elas essa proximidade com a hegemonia monossexual. Todavia, Souza (2021, p. 55) pontua que “é nessa falta de discernimento em relação a quem é e quem não é bissexual e de precisão relacionada às preferências sexuais/afetivas atreladas à bissexualidade que se encontra a potência subversiva desse tipo de existência”.

3.3 BIFOBIA

Segundo Souza (2021, p. 49), vivemos inseridos em uma “epistemologia binária e essa lógica não comporta a complexidade de desejos, de experiências e de comportamentos que não estão localizados em polos excludentes, entre os quais está a bissexualidade”.

Ademais, Leão (2018) debate as identidades sexuais como espectro de manifestações profundamente dinâmicas e situacionais, e que a constante normalizadora nessas nuances é a heteronormatividade. Diante dessa constante e das especificidades da complexa vivência bissexual, a bifobia se atualiza em discursos que ressaltam a hipersexualização, fetichização, promiscuidade, tendência à infidelidade e a falsa característica transitória.

“Outro ponto que fez eu demorar pra me assumir foi a questão da hipersexualização. Já tive caras que super queriam ver eu e outra mulher se pegando, e eram caras preconceituosos. Me peguei pensando se eu fazia aquilo porque queria mesmo ou pelo prazer do outro.” (Participante A, 23 anos).

“Acho importante falarmos sobre isso porque é muito invisibilizado. A galera hetero acha que você vai trair eles, as lésbicas acham que vai trocar por macho.” (Participante B, 22 anos).

“Eu nunca estive em um relacionamento, então eu pesquisava muito, fazia uns testes no buzzfeed, e já ouvi coisas do tipo ‘ah, você é bi porque você ainda não se descobriu lésbica’.” (Participante F, 19 anos).

Para discutirmos as manifestações da bifobia, é importante pontuar um mito social de que para ser bissexual você precisa se relacionar com mais de um gênero ao mesmo tempo. E às mulheres, é potencialmente atribuído a necessidade de se relacionar com homens, visto que a norma heterossexual estimula relações entre sexo diferentes.

Nas conversas do terceiro encontro, construindo lugares hipotéticos voltados apenas para o público bissexual, nos questionamos como faríamos para identificá-los nas entradas, e surgiram sugestões interessantes que acompanham esse debate.

“- Tinha que apresentar a carteirinha. (Participante D)
 - Fazia a fila e tinha que trazer duas testemunhas pra confirmar a sua bissexualidade. (Participante D)
 - Teria que vir com um homem e uma mulher e beijar os dois ao mesmo tempo na entrada. (Pesquisadora)
 - Tá vendo, é promíscuo! (Participante B)
 - Eita, caí no discurso hetero. (Participante C)”

Observamos como nos identificamos com a bissexualidade a partir das violências naturalizadas que nos invalidam, pois não há representações disponíveis na nossa trajetória. Não há, no nosso percurso, romances com protagonista bissexual, não houveram anúncios no jornal informando que o feminicídio ocorreu contra uma mulher bissexual, porque a ela, naquela situação, só serviu a atual relação considerada heterossexual (não há porque investigar o passado, mas é importante pontuar a quantidade de mulheres bissexuais que vivem e morrem postas como heterossexuais). Debates a carência de referências bissexuais inquietas, pois sabemos que não estamos em menor número.

Doravante, verificamos a atualização do não pertencimento e a produção de violências pela comunidade LGBTQIA+ geradas pela dissidência da lógica binária.

“Uma coisa que me incomoda é a galera que acha que por ser LGBT tem o poder de definir a sexualidade do outro. Por exemplo: "olhei pra ti, meu gay dar apitou", "aquele ali com certeza é gay" "você não é hétero, você é bi". No meio LGBT é onde eu mais escuto, a gente tem que parar de naturalizar esse gaydar. É muito agressivo você querer dar nome pra sexualidade do outro, ou tirar do armário.” (Participante C, 24 anos).

“Assisti casos de família dia desses e ouvi muito ‘ou você é gay ou você é hétero, não dá pra ficar nessa baixaria’, ‘você tem que parar de ser indeciso, tudo bem você ser gay’. Estão pagando pessoas pra disseminar bifobia.” (Participante B, 22 anos).

Na comunidade LGBTQIA+ você só é respeitado se estiver em um relacionamento homoafetivo. Mas a quem se refere esse respeito, visto que há um apagamento da identidade para além daquela relação e a imposição da monoafetividade.

Outro ponto de partida da bifobia, seria localiza-la a partir da noção de dupla exposição/ploriferação de ISTs. Silva e Junior (2020) discorrem sobre como a ideia de sermos grupo de risco está diretamente ligada a representação social de promiscuidade, validando mais ainda sua simbologia e perpetuando a marginalização da identidade.

Frente esses desafios há, nós, mulheres bissexuais, questionando nossa própria existência. No movimento bissexual, atualmente nomeia-se esse autoquestionamento e essa autodeslegitimação frequente como bifobia internalizada (Souza, 2021), gerando insegurança nos desejos, histórico e repercutindo na saúde mental.

Apesar de identificarem os estereótipos da bissexualidade como um problema, os maiores esforços das ativistas não são direcionados à sua contestação, mas ao combate à bifobia e seus efeitos, pois um dos principais efeitos da bifobia identificado pelas ativistas monodissidentes é a precarização da saúde mental e seu sofrimento psíquico (Monaco, 2020).

Entretanto, tentamos elaborar em conjunto as manifestações bifóbicas sofridas para que possamos nos fortalecer diante da validação e acolhimentos das nossas demandas, e trabalhar na construção de experiências mais plenas, livres e abertamente prazerosas das nossas sexualidades e identidades bi.

4. CONCLUSÃO

Ressalta-se a importância dessa pesquisa na construção de saberes LGBTQIA+ e de experiências monodissidentes, conferindo formas de visibilidade e dizibilidade (Deleuze, 1988), evidenciando representações sociais e violências que constroem e limitam as possibilidades de experimentar a bissexualidade. No entanto, mostra que apesar das implicações da bifobia, há resistências individuais e coletivas construindo vivências e saberes dissidentes.

A realização da dinâmica coletiva despertou interesse das mulheres participantes em se fortalecer e ocupar espaços de promoção de saúde, lazer e segurança. Gerou inquietação e questionamentos quanto a necessidade e a falta de representatividade, e angústia diante das barreiras nos seus processos de identificação bissexual, visto que existem muito bissexuais e ainda sim giramos em torno do apagamento e não reconhecimento.

Ademais, reafirmamos que a sensação de não pertencimento, como aborda Monaco (2020), é entendida como uma das causas do sofrimento psíquico e problemas de saúde mental que atingem pessoas bissexuais. Os bissexuais tentam combater esse sofrimento reivindicando espaços de convivência e trocas entre pessoas bissexuais, para que assim, a sensação de comunidade possa validar a bissexualidade como uma experiência coletiva, ao invés de um desvio da norma monossexual.

Monaco (2020) traz também que esses atravessamentos monossexuais se apresentam em práticas psicológicas e essas mulheres são novamente vitimizadas em atendimentos, e aborda a primordialidade da validação e do reconhecimento da bissexualidade para que haja um tratamento. Ou seja, é emergente o reconhecimento das sexualidades dissidentes, a fim de possibilitar a pluralidade de experiências de maneira saudável, não violenta e prazerosa.

Por fim, enaltecemos a participação coletiva das mulheres, que se disponibilizaram e vivenciaram as suas primeiras rodas de conversas compostas exclusivamente por mulheres bissexuais, reverberando em um fortalecimento pessoal e acadêmico das nossas resistências.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial Ltda, 2019.
- BAREMBLITT, Gregorio F. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1996.
- BARROS, Letícia Maria Renault de; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. O problema da análise em pesquisa cartográfica. **Fractal: revista de Psicologia**, v. 25, p. 373-390, 2013.
- BICALHO, Pedro Paulo Gastalho de. Disputas em torno da Regulamentação da Profissão: A Psicologia em Defesa das Orientações Sexuais e Identidades de Gênero. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, 2022.
- Conselho Federal de Psicologia. **Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTI**. CFP. 2019.
- DELEUZE, G. **Foucault**. Sao Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- FONTANA, Mónica Zoppi. “Lugar de fala”: enunciação, subjetivação, resistência. **Revista Conexão Letras**, v. 12, n. 18, 2017.
- JAEGER, Melissa et al. Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos. **Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos**, n. 11, p. 1-16, 2019.
- JANUARIO, Flávia Rodrigues; OLIVEIRA, Nayara de. Questões de gênero e a existência de mulheres bissexuais e lésbicas na literatura: uma leitura de “Orlando” e “um escorpião na balança”. **Encontro Internacional de Produção Científica**, 2021.
- LEWIS, Elizabeth Sara. Não é uma fase”: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais. **Unpublished Master thesis**). **Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro**, 2012.
- LEWIS, Elizabeth Sara. O ciclo paradoxal de apagamento e super-sexualização da bissexualidade nos movimentos LGBT: resistências em narrativas de ativistas bissexuais. **Anais do V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**, p. 1-12, 2017.
- LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade In: LOURO, GL (Org). **O corpo Educado. Belo Horizonte: Autêntica**, 2000.
- MCLAREN, Margaret A. Foucault Feminismo e Subjetividade. São Paulo, **Intermeios (coleção entregêneros)**, 2016.
- MONACO, Helena Motta et al. " A gente existe!": ativismo e narrativas bissexuais em um coletivo monodissidente. 2020.
- OLIVEIRA, Carlos André Nogueira; DE SÁ MACHADO, Francisco Luís Baptista; NEVES, Sofia. Amor parental (in) condicional: estudo sobre a influência da percepção da aceitação/rejeição parental em homossexuais, lésbicas e bissexuais. **Coming-out for LGBT**, v. 2, n. 2, p. 89-97, 2012.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PASSOS, Eduardo et al. A entrevista cartográfica na investigação da experiência mnêmica. **Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 38, p. 275-290, 2018.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia. Sobre a validação da pesquisa cartográfica. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 25, n. 2, p. 391-414, 2013.

PETRY, Analídia Rodolpho; MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. **Textos & Contextos (Porto Alegre)**, v. 10, n. 1, p. 193-198, 2011.

PORTO, Duina. Mononormatividade, intimidade e cidadania. **Revista Direito GV**, v. 14, p. 654-681, 2018.

Resolução n. 8, de 17 de maio de 2022. (18 maio 2022). Estabelece normas de atuação para profissionais da psicologia em relação às bissexualidades e demais orientações não monossexuais. **Diário Oficial da União**. <https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Resolucao-CFP-008-2022-05-17.pdf>

ROLNIK, Suely. Uma insólita viagem à subjetividade. **Cultura e subjetividade**, p. 25-34, 1997.

SEDGWICK, Eve. A Epistemologia do Armário. In: **Cadernos Pagu** (28), janeiro-junho, p. 19-54, 2007.

SILVA, Isaura Caroline Abrantes; LEITE JUNIOR, F. F. A bissexualidade como incógnita e fragmentação normativa ligada a dicotomia hétero/homo: cartografando produções em ciências humanas e sociais. **Id on Line Rev Mult Psic.[Internet]**, v. 14, n. 51, p. 861-79, 2020.

SILVEIRA, Maria Leão de Aquino et al. Os unicórnios no fim do arco-íris: bissexualidade feminina, identidades e política no Seminário Nacional de Lésbicas e Mulheres Bissexuais. 2018.

SOUZA, Eloisio Moulin de; PEREIRA, Severino Joaquim Nunes. (Re) produção do heterossexismo e da heteronormatividade nas relações de trabalho: a discriminação de homossexuais por homossexuais. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 14, p. 76-105, 2013.

SOUZA, Jamilie Santos de et al. Tecendo identidades nas fronteiras: o vestir em narrativas de mulheres bissexuais. 2021.

WITTIG, Monique. O pensamento hétero. **Ensaio**, 1980.